

## A TRADUÇÃO DE *MILENIO CARVALHO*, DE MANUEL VÁZQUEZ MONTALBÁN, PARA O PORTUGUÊS E O FRANCÊS: DO TABU SOCIAL AO TABU LINGUÍSTICO

### *THE TRANSLATION OF MILENIO CARVALHO, BY MANUEL VÁZQUEZ MONTALBÁN, INTO PORTUGUESE AND FRENCH: FROM SOCIAL TABOO TO LINGUISTIC TABOO*



Flavia SEREGATI  
Mestre  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas  
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos  
São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil  
lattes.cnpq.br/3999608631751832  
orcid.org/0000-0002-0338-1457  
flaviaseregati@gmail.com

Angélica Karim Garcia SIMÃO  
Professora Assistente  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas  
São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil  
lattes.cnpq.br/0533513735524527  
orcid.org/0000-0002-2198-4868  
angelica.karim@unesp.br

Maria Angélica DEÂNGELI  
Professora  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas  
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos  
São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil  
lattes.cnpq.br/3428288938857306  
orcid.org/0000-0002-5181-1634  
angelica.deangeli@unesp.br

1

**Resumo:** Neste artigo, analisa-se a tradução de algumas unidades do léxico da língua espanhola para as línguas portuguesa e francesa da obra *Milenio Carvalho* (2004), de Manuel Vázquez Montalbán, a partir de uma perspectiva que considera indissociável a relação entre léxico e cultura. Aborda-se, primeiramente, a questão do léxico como representação cultural com base nas pesquisas de Caune (2014), Borba (2006), Nunes (2010), Lara (2015) e Antunes (2012). Em seguida, discute-se a problemática do tabu tanto em sua gênese psicossocial, de acordo com os escritos de Freud (2015), quanto do ponto de vista da linguagem (Vaneigem, 2004; Allan & Burridge, 2006; Benke, 2012; Arango, 1991; Preti, 1983; Guiraud, 1976). Por fim, examinam-se os tabuísmos pelo viés da tradução, tendo em vista o trabalho sobre “a letra” de Antoine Berman (2007). Conclui-se, assim, que na tradução para o português houve certo apagamento dos tabuísmos, implicando uma atenuação do texto e uma descaracterização do modo de dizer dos personagens. Contrariamente, no francês a tendência foi manter o léxico tabu e, de certa forma, acentuá-lo; intensificar ou tornar mais “densas”, “vivas” tais unidades lexicais, de modo a retratar, com maior “iconicidade”, seu universo linguístico-discursivo.

**Palavras-chave:** Estudos da Tradução. Disfemismo. Língua Espanhola. Língua Portuguesa. Língua Francesa.

**Abstract:** In this article, we analyze the translation of some units of the Spanish language lexicon into Portuguese and French languages of the book *Milenio Carvalho* (2004), by Manuel Vázquez Montalbán, from a perspective that considers inseparable the relationship between lexicon and culture. We first address the issue of the lexicon as a cultural representation based on research of Caune (2014), Borba (2006), Nunes (2010), Lara (2015), and Antunes (2012). Next, we discuss the problematics of taboo both in its psychosocial genesis, according to the writings of Freud (2015), and from the point of view of language (Vaneigem, 2004; Allan and Burridge, 2006; Benke, 2012; Arango, 1991; Preti, 1983; Guiraud, 1976). Finally, we examine tabooisms from the standpoint of translation, in view of Antoine Berman’s (2007) work on the letter. The conclusion is that, in the translation into Portuguese, there was a certain erasure of the tabooisms, implying a softening of the text and an uncharacterization



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

*This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.*

---

of the characters' way of expression. In contrast, in French, the tendency was to maintain the taboo lexicon and, in a certain way, to accentuate it; to intensify or make these lexical units more “dense”, “alive”, in order to depict their linguistic-discursive universe with greater “iconicity”.

**Keywords:** Translation Studies. Dysphemism. Spanish language. Portuguese language. French language.

**E**stabelecer limites para o conceito de cultura é uma tarefa complexa. Caune (2014) argumenta que a acepção mais corrente do termo opõe cultura à natureza. Ou seja, faz parte da cultura tudo o que é adquirido pelo homem, tudo que é dotado de significação, e, em oposição, é exterior à cultura tudo o que ao homem lhe é inato. Dessa concepção ampla, deriva a ideia de que o ser humano construiu para si um segundo meio ambiente; visão que difere da que se situa em outro extremo e que, portanto, é mais restrita, em que a dimensão cultural se opõe à técnica, reagrupando as noções de crenças, ritos, normas, valores e modelos de comportamento (Caune, 2014, p. 45).

Para este autor, cultura como um “conjunto de sistemas simbólicos entre os quais a linguagem se situa em primeiro lugar” (Caune, 2014, p. 21). Esse local privilegiado que ele atribui à linguagem no seio de uma cultura é justificado pelo fato de que é por meio da linguagem que o ser humano elabora sua representação do mundo, ao estruturar o seu pensamento, expressar seus sentimentos, intervir e sofrer intervenções de outros membros de uma comunidade. Segundo o autor, a língua é uma dimensão fundamental para compreender uma cultura, “é na língua e pela língua que o indivíduo e a sociedade se determinam mutuamente. A linguagem institui pela fala a sociedade e a realidade imaginária” (Caune, 2014, p. 24).

Essa singularidade na forma de representar a realidade pode ser percebida, mais facilmente, se observamos como cada comunidade de falantes produz o seu variado repertório lexical e também no movimento de reformulação e renovação do léxico que presenciamos diariamente, pela integração de novas unidades lexicais que pareçam pertinentes e pelo abandono de outras cujo uso torne-se irrelevante para uma cultura.

Borba (2006) entende que a conexão entre a língua, entidade abstrata, e a realidade, mundo concreto, é feita por meio do léxico. É o léxico, “grande bloco de representações” que “fisionomiza a cultura” e, em decorrência disso, cada comunidade apresentará uma forma singular de interpretar a realidade extralinguística. Ele ainda pontua que, ao contrário da sintaxe, elemento que apresenta mais resistência à mudança e à variação, o léxico, conjunto “instável e aberto”, é “vulnerável” e “sujeito a várias escalas de influências”, sobretudo do âmbito social (Borba, 2006, p. 82).

---

Como corrobora Nunes (2010, p. 152), “o fato lexical é um fato social”, isto é, o léxico está condicionado às relações sociais que os sujeitos estabelecem nos contextos de interação comunicativa e, dessa forma, articula-se na esfera discursiva ao conhecimento e às experiências que os sujeitos constroem por meio de suas práticas sociais. É em sua instabilidade que reside a possibilidade de ajustarmos o léxico às nossas necessidades interativas, seja no processo de produção discursiva, social ou estética.

De acordo com Lara (2015, p. 218), é característico do léxico converter-se em objeto de normas sociais e não estar sujeito somente às normas de natureza linguística. As normas sociais, diferentemente das normas linguísticas que não transcendem os signos, operam sobre vocábulos selecionados, a depender de cada comunidade. Dessa forma, a linguagem que utilizamos nos grupos em que atuamos nos identifica. Dentre vários outros fatores, como sintáticos ou prosódicos, são as preferências que condicionam nossas escolhas lexicais que nos vinculam a experiências socioculturais, compondo um forte indicador de nossa identidade.

Vários fatores podem incidir sobre as escolhas lexicais que fazemos para realizar nossas “ações de linguagem” (Antunes, 2012, p. 27); o propósito ou a intenção com os quais expressamos nossas ideias, as imposições estabelecidas pelos gêneros textuais, o meio no qual serão veiculados nossos discursos, dentre outros, são elementos que contribuem para efetivação de tais escolhas. A expressão de valores ou estereótipos sociais passa por essa regulação, esfera em que as unidades do léxico se convertem em símbolos sociais, isto é, “transcendem sua natureza de signos linguísticos e se convertem em representantes conceituais, valores e tabus sociais, aos quais são atribuídos desde propriedades mágicas até funções morais ou ideológicas” (Lara, 2015, p. 213).

Tal discussão permite-nos postular a relação indissociável entre o léxico e a cultura, visto que o repertório lexical de uma comunidade é fruto da consolidação do pensamento de um determinado corpo social. Interessa-nos aqui, primeiramente, o estudo do tabu pelas ciências da linguagem, a fim de averiguarmos a ligação que as palavras tabus mantêm com os tabus sociais, passados de geração em geração, para, em seguida, analisarmos os tabuísmos pelo viés da tradução.

### **Do Tabu Social ao Tabu Linguístico**

Para Freud (2015), a palavra “tabu”, de origem polinésia, não tem uma definição contemporânea no Ocidente, uma vez que já não dispomos do conceito por ela designado. Porém, de modo sucinto, o autor discorre sobre a referida palavra, conferindo-lhe um

---

significado com duas direções opostas: por um lado, afirma que o tabu se refere ao santo e ao sagrado, por outro, ao impuro e ao proibido. Ainda, de acordo com Freud, o sentido de tabu poderia ser evidenciado pela expressão “temor sagrado” em que se unem as duas direções. A partir dessa definição, depreende-se que o sentido predominante do tabu é o de proibição, repressão e interdição, afinal, o homem, desde os primórdios, estabelece limites e regras para a vida em sociedade.

Na obra *Totem e Tabu*, Freud (2015) parte das pesquisas de Wilhelm Wundt, estudioso que explorou até as últimas raízes a ideia de tabu. Assim, entende-se que normalmente o tabu é anterior à concepção sobre os deuses e sobre as religiões. Portanto, a origem dos tabus é intrínseca à origem dos homens, não sendo possível dissociá-las, uma vez que não existe povo ou cultura sem tabu. Nessa perspectiva, é possível depreender que o tabu abarca toda e qualquer proibição, desde os usos e costumes até as palavras.

Tal constatação permite afirmar que não é necessário proibir o que ninguém deseja fazer e que alguns desejos são reprimidos por motivos históricos e sociais. Além disso, segundo Freud (2015), o início de uma interdição pode ser obscuro para aqueles que não estão inseridos em determinado círculo ou sociedade; somente para os que partilham da mesma cultura tais interdições tornam-se evidentes, visto que estão habituados a conviver com certas proibições e julgamentos.

De acordo com Allan e Burrige (2006), as interdições e as proibições têm um papel importante nas sociedades, visto que esses comportamentos fazem parte dos valores dos indivíduos pertencentes a uma comunidade, gerando a percepção de coesão entre os indivíduos. Os autores ressaltam que as interdições e as proibições podem variar de acordo com os valores e crenças do grupo ou comunidade em que o sujeito está inserido. Do mesmo modo, a importância dada a uma postura, um enunciado, um objeto, pode ser desprezada por outro grupo.

Os tabus são uma série de restrições a que se submete uma sociedade, não havendo total compreensão do que motiva a proibição, apenas a assimilação desta como algo óbvio, sem maiores questionamentos. A compreensão dos tabus é ainda mais diluída com o passar do tempo, pois a motivação à qual estão subordinados perde-se de geração em geração. Freud (2015, p. 16) conclui então que “tabu” é igualmente tudo, tanto as pessoas como os lugares, objetos e estados passageiros, que são depositários ou fonte dessa misteriosa característica”.

No que diz respeito aos tabus linguísticos, Benke (2012) parte de um ponto de vista antropológico e afirma que “o estudo dos tabus linguísticos pode evidenciar aspectos relativos

---

à maneira como um povo vê e concebe a realidade em que vive, isto é, suas crenças, seus valores e suas ideologias” (Benke, 2012, p.18). Assim, conforme discutido anteriormente, é no léxico de uma língua que reside a responsabilidade em transmitir os valores e crenças de uma sociedade; pois o léxico de uma comunidade é representativo de seus costumes e hábitos. Nesse sentido, Preti (1983) argumenta que:

como os costumes, submetidos a um processo competitivo de forças sociais opostas, em que se alternam e se equilibram leis da continuidade e da renovação, controladas pelo grau de aceitabilidade do povo, em diferentes épocas, assim também o estoque lexical sofre a influência das pressões sociais que ora o prendem à tradição de uma hipotética "boa linguagem", ora o libertam para a aceitação de novos vocábulos, novos conceitos, surgidos da necessidade de expressar ideias e atividades recentes. (Preti, 1983, p. 60)

5

De acordo com Guiraud (1976, p. 9), o léxico tabu “pode definir-se pelo seu conteúdo, isto é, as coisas a que se refere, tais como a sexualidade, a defecação, a digestão; e pelo seu uso, isto é, as classes sociais” (Guiraud, 1976, p. 9, como citado em Preti, 1983, p. 64). Usualmente, as palavras grosseiras e obscenas integram a face mais popular da linguagem tabu, e são as mais estigmatizadas, dentro de uma perspectiva social do léxico.

Preti (1983) sugere critérios para estabelecer quais palavras pertencem à linguagem grosseira e obscena, tais como: 1) os vocábulos que contém ideia ofensiva (injúria ou blasfêmia), comumente conhecidos por “palavrões”; 2) os que representam tabus sexuais ou escatológicos de forma mais direta, através de termos e expressões de uso popular ou imagens de fácil compreensão; 3) aqueles que aludem às partes pudendas, aos órgãos sexuais, aos atos e coisas tidos como grosseiros; 4) os que se referem diretamente ao ato sexual nos seus aspectos mais degradantes, particularmente aos vícios ou comportamentos sexuais de exceção; e, por fim, 5) os vocábulos que estão inseridos em contextos ou situações igualmente grosseiros ou obscenos.

Entretanto, cabe ressaltar que “a proibição não vige com igual rigor para todos os ‘palavrões’. A condenação pesa sobre eles com diferente intensidade” (Arango, 1991, p. 39). Notamos que alguns tabus sofrem mais modalizações, são mais evitados, enquanto outros fazem parte da linguagem corrente, sendo passíveis de maior aceitação e tolerância social. Nesse sentido, Arango (1991) acrescenta que as palavras obscenas que fazem referência a

---

órgãos ou funções excrementícias são mais usuais e empregadas com mais liberdade. Por outro lado, as unidades lexicais que representam o ato sexual e as práticas eróticas são as que dispõem de uma menor liberdade, já que em torno de certas unidades lexicais há mais julgamentos, mitos e preconceitos sociais, como é o caso do sexo, por exemplo. Arango (1991) conclui que:

a diferente força dos termos-tabu dá origem a uma escala de valores entre eles. É uma escala evidente, embora não haja um instrumento capaz de medi-la, nem uma fórmula matemática capaz de expressá-la. Mas nós a intuímos. É, por certo, uma simples convicção afetiva, mas nem por isso menos valiosa. (Arango, 1991, p. 112)

Guiadas por essa “convicção afetiva” ou “intuição”, mas também atentas ao contexto em que aparecem e a materialidade por meio da qual se expressam, é que nos propomos a analisar ocorrências do léxico tabu na tradução para o português e o francês da obra *Milenio Carvalho*, do escritor espanhol Manuel Vázquez Montalbán. Para tanto, adentramos o universo da tradução, a partir da leitura do teórico e crítico francês, Antoine Berman. Adotamos essa visada teórica e analítica por considerarmos que uma tradução não deve ser simplesmente classificada como boa ou ruim, dado que nosso objetivo não é apontar erros e acertos nas traduções em questão, mas refletir sobre os possíveis efeitos da letra no texto traduzido.

6

### **A Tradução e a Questão da Letra**

Em *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2007), Berman tece uma crítica às teorias tradicionais que consideram a tradução como “uma restituição embelezadora (estetizante) do sentido” (2007, p. 15) para, em seguida, analisar o que nomeia grandes traduções “literais”, as quais lhe permitirão exemplificar o trabalho sobre a letra no ato de traduzir. Para Berman, traduzir a letra do texto não significa traduzir palavra por palavra. A letra compreende, na perspectiva bermaniana, toda a materialidade linguística do texto, ou seja, sua organização e estruturação em parágrafos; a própria extensão dos parágrafos; o ritmo da frase; as rimas; as aliterações; as redes significantes subjacentes ao texto, que incluem as escolhas lexicais e sintáticas; a pontuação, enfim, a letra é o “corpo mortal” (2007, p. 33) do texto, do qual a tradução não pode se desfazer.

Partindo então do axioma de que “a tradução é a tradução-da-letra, do texto enquanto letra” (Berman, 2007, p. 25), o autor expõe os traços que caracterizam a figura tradicional da tradução no Ocidente (“culturalmente etnocêntrica”, “literariamente hipertextual” e

---

“filosoficamente platônica”), opondo-os ao seu projeto de tradução literal, a qual compreende o espaço da ética, da poética e do pensamento. Segundo o autor, a tradução etnocêntrica, que é uma “realidade *histórica*” (Berman, 2007, p. 30), implica trazer o outro para a sua cultura, naturalizando-o, apagando-o enquanto diferente. O estrangeiro, segundo essa visão, é considerado como algo negativo que, no máximo, deve ser incorporado ao nacional. A tradução hipertextual, por sua vez, engloba qualquer texto gerado a partir de um outro texto (imitação, paródia, pastiche, adaptação etc.). De acordo com o teórico, não se trata de afirmar que uma tradução não comporta nenhum traço de etnocentrismo ou de hipertextualidade, mas importa colocá-los em discussão e analisar de que forma atingem a letra do texto e o espaço de sua eticidade e de sua poeticidade.

Por fim, ao evocar o “corpo mortal” da letra, Berman traz para a discussão a famosa cisão operada por Platão entre o “sensível” e o “inteligível”, o “corpo” e a “alma”; corte que atravessa a história da tradução e faz perdurar o pressuposto de que traduzir é captar o sentido, o *logos*, a idealidade ao qual o texto remeteria. A captação do sentido é um traço etnocêntrico da tradução na medida em que “afirma sempre a primazia de uma língua. Para que haja anexação, o sentido da obra estrangeira deve submeter-se à língua dita de chegada” (Berman, 2007, p. 33). Assim, etnocentrismo, hipertextualidade e platonismo constituem a base do que o autor nomeia como “tendências deformadoras da tradução”. Trata-se de um “todo sistemático” que atinge a letra do texto, atuando em prol do sentido e da estetização da forma, priorizando a “alma” em detrimento do “corpo”. As tendências deformadoras apresentadas por Berman são: clarificação; alongamento; enobrecimento; empobrecimento qualitativo; empobrecimento quantitativo; homogeneização; destruição dos ritmos; destruição das redes de significantes subjacentes; destruição dos sistematismos; destruição ou exotização das redes de linguagem vernacular; destruição das locuções e apagamento das superposições de línguas.

Por meio de um exame detalhado de obras de autores diversos, Berman propõe então uma analítica da tradução, expondo de modo concreto, as formas pelas quais essas tendências se manifestam na tradução. Ressalta, porém, que tal análise não implica uma “analítica do traduzir bem” (Berman, 2007, p. 63), não deve ser confundida com uma nova metodologia tão normativa e dogmática quanto as que a precederam; trata-se antes de apontar que a tradução, tal como ele a concebe em seu projeto de tradução da letra, deve responder a um objetivo que é ao mesmo tempo ético, poético e filosófico (Berman, 2007, p. 66).

A dimensão ética do ato de traduzir pressupõe o acolhimento, no texto de chegada, do Outro enquanto outro; significa recebê-lo e acolhê-lo em sua estrangeiridade; implica um certo

---

educar-se à estranheza (Berman, 2007, p. 66), uma abertura ao estrangeiro, à literalidade do texto-outro no espaço do que consideramos nossa língua materna. A estranheza relaciona-se à dimensão ética e poética do texto, uma vez que para Berman o objetivo de uma tradução, pelo menos no caso da tradução de obras, não é a comunicação considerada como acesso facilitador a um outro texto. Segundo Berman: “Emendar as estranhezas de uma obra para *facilitar* sua leitura acaba por desfigurá-la, e, portanto, enganar o leitor a quem se pretende servir (Berman, 2007, p. 66). Ainda, cabe ressaltar que o objetivo filosófico do traduzir expressa-se na constatação de que a tradução implica uma “certa relação com a verdade” (2007, p. 67) e, nesse sentido, constitui-se como o espaço do pensante ou do pensamento, pois para Berman uma tradução pode passar sem teoria, mas não sem pensamento (Berman, 2007, p. 19).

É na conjugação desses três princípios ético, poético e filosófico que se desenha o projeto bermaniano da tradução da letra. Nessa perspectiva, o respeito à letra traduz-se pela manifestação daquilo que, segundo Berman, a tradução é, na sua essência, ou seja, “o albergue do longínquo”.

8

Tendo como plano de fundo esse olhar sobre o traduzir e sobre aquilo que afeta a letra em sua materialidade, tencionamos nos debruçar sobre a análise do léxico tabu na obra *Milenio Carvalho*, de Manuel Vázquez Montalbán, traduzida para as línguas portuguesa e francesa.

### ***Milenio e Suas Traduções***

Manuel Vázquez Montalbán nasceu em Barcelona em 1939 e faleceu em Bangkok em 2003. Graduado em Filosofia e Letras, exerceu as profissões de escritor, jornalista, poeta e romancista. No entanto, seu primeiro reconhecimento veio como poeta em 1967, ao publicar a seleção de poemas *Una educación sentimental*, que o introduziu no movimento poético renovador denominado *Los nueve novísimos*.

Vázquez Montalbán possui uma vasta produção literária que inclui narrativas, poesias, textos experimentais e ensaios e, a partir de 1974, deu início a um ciclo de romances realistas. Esses romances compunham uma crônica da Espanha contemporânea vista através dos olhos de um personagem que alcançaria fama internacional e se tornaria o personagem mais conhecido do autor, o detetive Pepe Carvalho.

A partir da figura do detetive, poderíamos classificar a *Serie Carvalho* como pertencente ao gênero “romance policial”, um dos mais populares do mundo. Entretanto, a crítica considera que os romances de Montalbán inovam em relação ao romance policial de seu tempo, apresentando um texto mais centrado em “uma visão desestabilizadora do crime na

---

sociedade, expondo os aspectos repressivos, o castigo e o controle social, e se concentra em deixar claro as causas sociais e políticas subjacentes à delinquência” (Colmeiro, 2015, p. 18).

É no contexto de inúmeras mudanças políticas que Manuel Vázquez Montalbán situa seus romances, narrando, além da transição da ditadura de Franco para a democracia, entre as décadas de setenta e oitenta do século XX, as transformações provocadas pela globalização no final dos anos noventa e início do novo milênio. Assim, na obra *Milenio Carvalho*, composta pelos volumes I e II, últimos textos que compõem a Série Carvalho, Vázquez Montalbán apresenta a situação política de diversos países, passando por Israel, Turquia, Cabul, Argentina e Brasil. Por esse motivo, “um unânime consenso político reconhece que Vázquez Montalbán foi instrumental no desenvolvimento do romance policial como gênero político na Espanha, e que seu exemplo exerceu grande influência no exterior” (Colmeiro, 2015, p. 18).

*Milênio* foi traduzido para a língua portuguesa por Rosa Freire d’Aguiar e publicado no ano de 2007 em uma única obra que abarca os volumes I e II. Assim como diversos outros livros do autor, a editora Companhia das Letras é a responsável pela publicação da obra no Brasil. A tradutora brasileira Rosa Freire d’Aguiar apresenta um trabalho tradutório extenso que compreende mais de 60 obras publicadas, as quais variam entre traduções do francês, do espanhol e do italiano. Seu foco são livros das áreas de literatura e ciências humanas e sociais.

Em língua francesa, o livro intitula-se *Milenio Carvalho*, tendo sido publicado em 2006 pela editora Christian Bourgois, com tradução de Denise Laroutis, também em uma edição única engloba os volumes I e II. A tradutora francesa possui várias obras traduzidas do francês para o espanhol, sobretudo no domínio literário. É membro do comitê literário espanhol desde 1992, do qual é vice-presidente. Ademais, ganhou o Prêmio de consagração da Sociedade das Pessoas de Letras em 2007.

No tópico a seguir destacamos quatro fragmentos que constituem o corpus de nossa análise. Tais excertos são primeiramente apresentados em espanhol, acompanhados de suas respectivas traduções para o português e o francês, e sempre precedidos de uma contextualização. Em seguida, são apresentadas as discussões sobre as questões tradutórias que julgamos relevante examinar.

### **Fragmentos de Análise**

As páginas iniciais de *Milenio* narram um diálogo entre dois indivíduos: Lifante e Pérez i Ruidoms, o primeiro é um inspetor de polícia, descrito como uma pessoa simples; o segundo, um empresário, conhecido por sua fortuna e extravagância. A partir dessa trama inicial, o

personagem principal da história, o detetive Pepe Carvalho, é acusado de assassinato pelo empresário e dá início a uma viagem ao redor do mundo com seu fiel companheiro Biscuter, ambos camuflados por nomes falsos.

No começo do itinerário, a dupla segue da Espanha para a Itália e, no caminho, conhece uma senhora francesa chamada Madame Lissieux, que encanta Biscuter e passa a acompanhá-los na viagem. A partir desse encontro, prosseguem para o cemitério de Staglieno e deparam-se com um novo personagem, com o qual engajam uma conversação, tal como se pode observar no excerto a seguir:

**Quadro 1 - Fragmento 1**

<b>Espanhol</b>	<b>Tradução Português</b>	<b>Tradução Francês</b>
<p>¿Eran ustedes franquistas? Perdonen la indiscreción. Negaron todas las cabezas, también la de <i>madame</i> Lissieux, y Giuseppe respiró, aliviado.</p> <p>—Yo hice la resistencia contra Franco. He militado en el PCI de Togliatti y Berlinguer y en el Partido Comunista de Euskadi en los años terminales del franquismo. Calculaba el caballero la posible sorpresa provocada y sólo Biscuter la exteriorizó con un contundente:</p> <p>—¡<b>Hostia!</b> ¡Qué casualidad! (p. 11)</p>	<p>[...] Vocês eram franquistas? Desculpem a indiscrição."</p> <p>Todas as cabeças negaram, a de madame Lissieux também, e Giuseppe respirou aliviado.</p> <p>"Fiz a resistência contra Franco. Militei no PCI de Togliatti e Berlinguer e no Partido Comunista de Euskadi nos anos finais do franquismo."</p> <p>O cavaleiro calculava a possível surpresa provocada, mas só Biscuter a exteriorizou com um contundente:</p> <p><b>"Papagaio!</b> Que coincidência!" (p. 17)</p>	<p>Vous étiez franquistes ? Pardonnez mon indiscretion. »</p> <p>Ils firent tous non de la tête, y compris Mme Lissieux, et Giuseppe respira soulagé.</p> <p>J'ai fait de la résistance contre Franco. J'ai milité au PCI de Togliatti et de Berlinguer et au parti communiste d'Euskadi dans les années terminales du franquisme. »</p> <p>Le barbu prenait les mesures de la surprise qu'il provoquait et Biscuter fut le seul à l'exterioriser par un contondant :</p> <p>« <b>Putain!</b> Quelle coïncidence! » (p. 23)</p>

Fonte: Elaboração dos autores.

Trata-se de uma conversa entre estranhos que, no entanto, possuem um alinhamento político comum, uma vez que todos rechaçam o regime franquista, que se instaurou na Espanha por um período de quase quarenta de anos. A reação de surpresa em relação a essa coincidência é pontuada por Biscuter com a seguinte frase: *¡Hostia! ¡Qué casualidad!*, respectivamente traduzida para o português e o francês por *papagaio* e *putain*.

Em espanhol, o vocábulo *hostia* compreende uma série de significados, desde a referência a um objeto sagrado, que simboliza, na esfera religiosa, uma oferenda, ou seja, o fenômeno da transubstanciação divina, a representação do “corpo de Cristo”, até a expressão de elementos vulgares para significar, em determinados contextos, um gesto de violência (*dar, liarse hostia*) ou uma manifestação de admiração (*¡hostia!*) (Moliner, 2007). No fragmento

destacado, pode-se considerar que *hostia* exprime a surpresa ou o espanto diante da fala ou do posicionamento do personagem.

A tradução do sintagma *¡Hostia! ¡Qué casualidad!* por *Papagaio! Que coincidência!* permite-nos inferir que, se, por um lado, se manteve, em português, o sentido exclamativo, de surpresa da frase, por outro, nota-se um empobrecimento qualitativo da letra do texto, de acordo com as tendências deformadoras delineadas por Berman. Segundo o autor, o empobrecimento qualitativo “remete à substituição dos termos, expressões, modos de dizer que não têm nem sua riqueza sonora, nem sua riqueza significativa ou – melhor – *icônica*” (Berman, 2007, p. 53). Cabe ressaltar, primeiramente, que *hostia* pode ser traduzido para o português por *hóstia*, no que se refere ao domínio do sagrado; nessa acepção, o vocábulo não tem uma conotação pejorativa ou vulgar. No exemplo em questão, o disfemismo do vocábulo em espanhol e sua “corporeidade icônica” (Berman, 2007, p. 54), evocam ao mesmo tempo o sagrado e o profano e são apagados na tradução para o português. A palavra *hostia*, proferida por Biscuter, remete a uma outra esfera discursiva que, em português, poderia englobar os vocábulos *porra*, *cacete* ou *caralho*, na esfera do profano, assim como as expressões *Virgem Maria* ou *Nossa Senhora*, como possíveis escolhas na esfera do sagrado.

11

Já em francês, a tradução de *hostia* por *putain* parece aludir tanto em sua significância sonora quanto icônica ao universo disfêmico expresso pelo vocábulo espanhol; pois, a palavra francesa *putain*, dentre suas várias acepções, segundo o Larousse (s.d.), refere-se a uma interjeição pejorativa para exprimir o espanto e a admiração. Entretanto, como na tradução para o português, a dicotomia sagrado/profano evocada por *hostia* não se mantém no texto em francês. Em sua conotação religiosa, *hostia* pode ser traduzido em francês por *hostie*.

No trecho seguinte, que narra as interações de Pepe, Biscuter e Madame Lissieux com indivíduos que condenam a globalização e o *fast-food*, destacamos o sintagma *¡Ole tus cojones!*

**Quadro 2 - Fragmento 2**

Espanhol	Tradução Português	Tradução Francês
<p>Especialmente el libro sobre las chacinas entusiasmó a Biscuter, que lo puso sobre su corazón con la declaración secreta de que iba a ser su libro de cabecera durante todo el viaje.</p> <p>—¡<b>Ole tus cojones!</b> ¿Ha oído, jefe? Esto es un país serio. En España no hay nada semejante. cuando ellos nos matan tontamente. (p. 20)</p>	<p>O livro sobre os embutidos entusiasmou Biscuter, que o pôs sobre o coração e declarou secretamente que ia ser seu livro de cabeceira durante toda a viagem.</p> <p>"<b>Caramba, olé!</b> Ouviu, chefe? Este é um país sério. Na Espanha não tem nada parecido. (p. 27)</p>	<p>Le livre sur la charcuterie ravit particulièrement Biscuter, qui le serra contre son coeur en lui promettant secrètement qu'il serait son livre de chevet pendant tout le voyage.</p> <p>« <b>Des couilles, et des belles !</b> Vous avez entendu, chef ? Ça, c'est un pays sérieux. Allez trouver ça en Espagne. (p. 34-35)</p>

Fonte: Elaboração dos autores.

---

Em espanhol, a expressão *¡Ole tus cojones!* caracteriza-se como uma interjeição com conotação pejorativa, usada em contextos de informalidade e intimidade entre os participantes da interação, podendo indicar espanto ou admiração diante de um evento. A RAE (Real Academia Española, s.d.) a define como *expressão de diversos estados de ânimos, especialmente estranheza e irritação*. Quanto à palavra *cojones*, presente na expressão, é qualificada como malsoante e coloquial por se tratar de uma referência ao órgão do aparelho sexual reprodutor masculino. Conforme discutido anteriormente, os tabus estão envoltos em proibições, principalmente quando se referem aos órgãos sexuais e à escatologia (Preti, 1983). Diante de tal fenômeno, as traduções do referido fragmento para o português e o francês apontam soluções bastante distintas.

Em português, ao se traduzir a palavra tabu *cojones*, que significa *colhões*, pelo eufemismo *caramba*, perde-se a carga semântica pejorativa do vocábulo. Nota-se, como no exemplo anterior, um empobrecimento qualitativo da tradução, ou seja, quando se traduz *cojones* por *caramba* consegue-se traduzir, de acordo com Berman (2007, p. 54), um certo sentido “mas nunca a verdade sonora e significante *desta* palavra”. Ainda, segundo o teórico, isso acontece com todos os termos “chamados normalmente de ‘saborosos’, ‘densos’, ‘vivos’, ‘coloridos’ etc.” (Berman, 2007, p. 54); termos que aludem à iconicidade da palavra ou à sua “corporeidade icônica”.

Por outro lado, neste mesmo fragmento, a tradução de *ole* por *olé* remete-nos a um universo que faz, implícita ou explicitamente, referência a uma certa hispanidade. Em espanhol, *ole* exprime uma interjeição para zombar de alguém quando esquiva ou escapa de algo (Diccionario integral del español de la argentina, 2008). Em português, a interjeição é usada sobretudo no universo futebolístico, para exaltar um drible ou uma jogada que tenha deixado a equipe adversária desconsertada. No contexto destacado, *olé* expressa a admiração e o entusiasmo de Biscuter diante dos fatos. Observa-se ainda que a construção da frase foi modificada em português; o elemento que se encontrava topicalizado em espanhol é deslocado para o final da oração, fazendo recair a ênfase sobre o vocábulo *caramba* e não sobre a interjeição *olé*.

Em francês, o disfemismo *cojones* foi mantido em sua tradução por *couilles*, referindo-se, de modo pejorativo, como em língua espanhola, ao órgão do aparelho sexual reprodutor masculino. Apesar dessa manutenção da tradução na esfera do tabuísmo, observa-se um alongamento da frase com o acréscimo do sintagma *des belles*, o que confere certa intensidade à palavra *couilles*. Não se trata de dizer simplesmente que *cojones* são *couilles*, mas, ainda que

são *bonitos* ou *grandes* (*des couilles, et des belles!*). Esse alongamento pode ser lido também como um apagamento da estranheza que o texto traduzido poderia suscitar, pois a interjeição *ole*, que pode ser traduzida em francês por *olé* ou *ollé*, remetendo a uma “exclamação espanhola que serve de encorajamento” (Larousse, s.d.), é suprimida da frase em prol de uma sintaxe francesa mais “fluida”.

O excerto seguinte trata da chegada de Pepe, Biscuter e Madame Lissieux a Roma. Ao questionarem a religião católica dominante e o modo como o Papa é tratado como uma figura ilustre e intocável, iniciam um diálogo sobre a história da Itália e, em suas divagações, deparam-se com diversos templos. No referido fragmento, destacamos o vocábulo *cagones*:

**Quadro 3 - Fragmento 3**

Espanhol	Tradução Português	Tradução Francês
[...] a Carvalho le había conmovido más la muerte de los <b>cagones</b> pompeyanos bajo el fuego del volcán que el deterioro muy bien llevado de Paestum, que le inspiró un irónico: «¡Qué bien se conserva!», como si estuviera comentando el aspecto pétreo de un funcionario jubilado. (p. 23)	Carvalho [...] ficara mais comovido com a morte dos <b>cagões</b> pompeianos sob o fogo do vulcão do que com a decadência muito arrumadinha de Pesto, que lhe inspirou um irônico: "Como está bem conservado!", como se estivesse comentando o aspecto pétreo de um funcionário aposentado. (p. 31)	Mais la mort des <b>déféqueurs</b> pompéiens pris sous le feu du volcan avait plus ému Carvalho que la déclaration très enlevée de Paestum, qui lui inspira un ironique : « Bien conservé ! », comme s'il commentait l'aspect pétrifié d'un fonctionnement en retraite. (p. 39)

Fonte: Elaboração dos autores.

A palavra *cagón* é qualificada como um substantivo depreciativo, possuindo duas acepções: a primeira, em um sentido literal, *que exonera o ventre muitas vezes*, e a segunda, em um sentido figurado, que se aplica a *uma pessoa: muito medrosa e covarde* (Real Academia Española, s.d.), ou seja, ambas as acepções possuem uma conotação pejorativa, visto que remetem à escatologia e encontram-se envoltas em interdição por fazerem alusão aos excrementos.

No excerto em espanhol, retoma-se o sentido figurado da palavra *cagón*, que pode ser resgatado em português por meio dos vocábulos *cagão*, *covarde* ou *frouxo*, qualificando, assim, os referidos personagens com adjetivos insultuosos. Nas traduções para o português e o francês, as escolhas feitas apontam direções opostas.

Na tradução para o português, conforme se pode observar, também se evidencia o sentido metafórico do vocábulo, expressando a ideia de covardia, frouxidão, por meio da palavra *cagões*. Assim como no espanhol, o vocábulo comporta duas acepções principais, isto

é, pode ser utilizado no sentido de *que ou o que defeca muito ou que tem diarreia e que ou o que não tem coragem; medroso, covarde* (Houaiss, s.d.).

Entretanto, a tradução para o francês distancia-se do sentido figurado da palavra em espanhol. Ao se traduzir *cagones* por *déféqueurs* retoma-se o sentido literal do vocábulo, dado que, em francês, *déféqueur* compreende somente a acepção de “pessoa que defeca, que expulsa os materiais fecais” (Larousse, s.d.) e não possui a acepção figurada que se refere à ausência de bravura ou valentia de um indivíduo. Em francês, a ação literal de defecar pode ser expressa de modo mais vulgar pelo verbo *chier*; porém, no contexto da narrativa, a falta de valentia poderia ser retomada, de maneira figurada, por meio da locução disfêmica *couille molle*. Dessa forma, verifica-se um empobrecimento qualitativo na tradução; o vocábulo traduzido não remete à polissemia nem a intensidade depreciativa com que se descrevem os referidos personagens.

No excerto a seguir, apresentamos um momento da narrativa que retrata o grupo diante de um defeito mecânico com o carro, que se encontra em mal estado de conservação. Em um ambiente dominado pela tensão, o protagonista Pepe utiliza a palavra *cabrón* para se referir ao veículo:

14

**Quadro 4 - Fragmento 4**

Espanhol	Tradução Português	Tradução Francês
El coche, acelerado por la pendiente de descenso, no estaba a la altura de situaciones dramáticas y parecía un viejecillo con incontenencia de velocidad que trataba de dibujar las curvas como si las estuviera trazando por primera vez. —Hay que subirse a alguna pendiente y esperar que este <b>cabrón</b> se anegue. Preparados para volcar. Es posible, pero prefiero volcar cuesta arriba. (p. 25)	O carro, acelerado pela descida, não estava à altura de situações dramáticas e parecia um velhinho com incontínencia de velocidade que tentava desenhar as curvas como se as tivesse traçando pela primeira vez. "Temos de pegar uma ladeira e esperar que esse <b>safado</b> naufrague. Preparados para adernar. É possível, mas prefiro adernar numa subida." (p. 33)	La voiture, qui avait pris de la vitesse dans la descente, n'était pas à la hauteur et ressemblait à un petit vieux atteint d'incontinence accélératoire en essayant de suivre les visages comme si c'était la première fois. « Il faut une montée, n'importe laquelle, et attendre que cette <b>saloperie de bagnole</b> se calme. Tenez-vous prêts pour le tonneau. » (p. 42)

Fonte: Elaboração dos autores.

O vocábulo *cabrón* dispõe de uma série de acepções cujos sentidos são predominantemente depreciativos e pejorativos, que oscilam desde a qualificação para o homem que é traído pela mulher de modo consentido, até a pessoa mal-intencionada ou de caráter difícil.

A vulgaridade presente na palavra em espanhol pode ser retomada, em português, pelas seguintes formas: *cornio*, *desgraçado* ou *filho da puta*. De acordo com a DRAE (Real Academia

---

Espanhola, s.d.), notamos que o adjetivo *cabrón* pode ser utilizado como xingamento, com a intenção de diminuir ou menosprezar o interlocutor ou a situação. Entretanto, as traduções para o português e o francês, afetam, de modo distinto, a letra do texto.

Em português, *cabrón* foi traduzido por *safado*. Nota-se que se trata de um adjetivo mais comumente usado para desqualificar um indivíduo, conforme o dicionário Houaiss (s.d.), *que ou o que não tem vergonha de seus atos censuráveis; descarado, desavergonhado, cínico, que leva uma vida dissoluta; libertino, devasso, obsceno*, portanto, pouco utilizado para designar objetos. A tradução aponta uma atenuação da carga de vulgaridade e, em consequência, um empobrecimento qualitativo do texto; pois *safado* não é uma palavra tabu e não parece refletir os efeitos de sentido mobilizados no texto original por meio da unidade lexical *cabrón*. Conforme apontado por Simão e Deângeli (2019, p. 510), ao analisarem a tradução de *El hombre mi vida*, para o francês e o português, “na tradução brasileira, o leitor parece ter diante de si um detetive mais contido, menos despojado e desbocado, alguém que denuncia os infortúnios de uma época, sem necessariamente refletir essa desilusão na linguagem”.

15

A deformação também tem lugar na tradução para o francês que, no caso, vale-se de um alongamento, dado que há a substituição de um vocábulo por dois em língua francesa. A alteração de uma palavra por uma expressão assinala uma explicação do contexto em que *cabrón* foi utilizado, pois a tradução *saloperie de bagnole* retoma o referente *carro*, com o uso de *bagnole*, e dá a ele uma característica de algo sem valor, uma vez que *bagnole* se refere a um carro velho, bastante usado, ou seja, em estado precário de conservação. Cabe ainda ressaltar que a unidade lexical *salope*, da qual deriva *saloperie* é considerada de uso vulgar para designar, segundo o Larousse (s.d.), *uma mulher sem-vergonha*. Assim, a descrição do objeto em francês não somente é mais explicitada como parece acentuar o caráter de vulgaridade do contexto, e corrobora, segundo Berman, o pensamento segundo o qual “toda tradução é tendencialmente mais longa do que o original” (Berman, 2007, p. 50).

### **Considerações finais**

Neste artigo, apresentamos quatro excertos da tradução de *Milenio Carvalho*, de Manuel Vázquez Montalbán, respectivamente para as línguas portuguesa e francesa, a partir de uma perspectiva que compreende questões relacionadas ao léxico tabu e à tradução da, segundo o pensamento do teórico francês Antoine Berman.

---

Desse esboço de análise, alguns questionamentos merecem destaque. Não se trata de apontar, como explicitamos anteriormente, os acertos ou erros de uma tradução, mas de inferir algumas tendências, algumas passagens, naquilo que passam, transbordam ou reescrevem o original. Tarefa que se encontra aqui perpassada por um outro desafio: o de traduzir o léxico tabu, levando em conta o que ele comporta de cultural, geracional e, sobretudo, de interdição. Assim, podemos nos perguntar em que medida se pode traduzir essa literalidade do tabu ou como traduzi-la diante das especificidades culturais de cada (con)texto.

Nos fragmentos analisados, observamos que, na tradução para o português, houve certo apagamento dos tabuísmos, implicando uma atenuação do texto e também uma descaracterização do modo de dizer dos personagens, pois é importante ressaltar que os personagens de Vázquez Montalbán estão sempre inseridos em esferas sociais bastante distintas, cujas falas refletem a diferença social, cultural e econômica; diferenças que o próprio Montalbán tratou de denunciar.

Na tradução para a língua francesa, contrariamente, ao português, a tendência foi manter o léxico tabu e, de certa forma acentuá-lo; intensificar ou tornar mais “densas”, “vivas” tais unidades lexicais, de modo a retratar, com maior “iconicidade” seu universo linguístico-discursivo.

Não cabe eleger, tal como sublinhado, uma suposta forma do bem traduzir ou, como diria Berman, da “arte de traduzir”, o que levaria a “uma nova metodologia, não menos normativa e dogmática que as anteriores” (Berman, 2007, p. 63). Trata-se de assinalar, como o fazem Simão e Deângeli (2019), que a leitura de Montalbán inscreve-se num certo *tempo*, que é, ao mesmo tempo, político, filosófico e ético.

No gesto descrito pelas autoras, a leitura-tradução de Montalbán implica um movimento que vai da palavra ao significante, do léxico à letra, para encontrar formas de se dizer no espaço múltiplo das traduções, isso porque, como afirma Berman, “não existe *a* tradução (...), mas uma multiplicidade rica e desconcertante, fora de qualquer tipologia, *as* traduções, o espaço *das* traduções” (Berman, 2007, p. 24). Nossa leitura de *Milenio Carvalho* e de suas traduções objetivou, assim, conjugar esses espaços plurais de diálogo entre a cultura, o léxico e a tradução.

## REFERÊNCIAS

Allan, K., & BurrIDGE, K. (2006). *Forbidden words: Taboo and the censoring of language*. Cambridge University Press.

- 
- Antunes, I. (2012). *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. Parábola.
- Arango, A. C. (1991). *Os palavrões* (J. L. Bastos, Trad.). Brasiliense.
- Benke, V. C. M. (2012). *Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: Um estudo baseado em dados geossociolinguísticos* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul].
- Berman, A. (2007). *A tradução e a letra, ou, o albergue do longínquo* (M. H. C. Torres, M. Furlan, & A. Guerini, Trads). 7Letras.
- Borba, F. S. (2006). Léxico e herança social. In R. C. Marchezan, & A. Cortina (Eds.), *Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito* (10, 81–96). Cultura Acadêmica Editora.
- Caune, J. (2014). *Cultura e comunicação: Convergências teóricas e lugares de mediação*. (L. M. de Barros, Trad.). Editora Unesp.
- Colmeiro, J. (2015). Novela policiaca, novela política. *Revista lectora*, (21), 5–29.
- Diccionario integral del español de la argentina. (2008). Ole. In *Diccionario integral del español de la argentina*. Buenos Aires: Voz activa.
- Freud, S. (2015). *Totem e tabu* (P. C. de Souza, Trad.). Penguin Classics Companhia das Letras.
- Guiraud, P. (1976). *Les gros mots* (2. ed.). Puf.
- Houaiss, A. (s.d.). Cagão. In *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Recuperado em 15 de fevereiro de 2023, [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-1/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1).
- Houaiss, A. (s.d.). Safado. In *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Recuperado em 15 de fevereiro de 2023, [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-1/html/index.php#3](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#3).
- Lara, L. F. (2015). *Curso de lexicología*. Colegio de México.
- Larousse. (s. d.). Déféquer. In *Dictionnaire en ligne*. Recuperado em 15 de fevereiro de 2023, <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/d%C3%A9f%C3%A9quer/22632>.
- Larousse. (s. d.). Olé. In *Dictionnaire en ligne*. Recuperado em 15 de fevereiro de 2023, <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/ol%C3%A9/55824>.
- Larousse. (s. d.). Putain. In *Dictionnaire en ligne*. Recuperado em 15 de fevereiro de 2023, <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/putain/65181>.
- Larousse. (s. d.). Saloperie. In *Dictionnaire en ligne*. Recuperado em 15 de fevereiro de 2023, <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/saloperie/70726>.
- Moliner, M. (2007). Hostia. In M. Moliner (Org.), *Diccionario de uso del español*. Gredos.

---

Nunes, J. H. (2010). Lexicologia e lexicografia. In E. Guimarães, & M. Zoppifontana (Eds.), *Introdução as ciências da linguagem: A palavra e a frase* (151–172). Pontes.  
Preti, D. (1983). *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. Queiróz.

Real Academia Española. (s.d.). Cabrón. In *Diccionario de la lengua española*. Recuperado en 15 de fevereiro de 2023, <https://dle.rae.es/cabr%C3%B3n?m=form2>.

Real Academia Española. (s.d.). Cagón. In *Diccionario de la lengua española*. Recuperado en 15 de fevereiro de 2023, <https://dle.rae.es/cag%C3%B3n?m=form2>.

Real Academia Española. (s.d.). Ole sus cojones. In *Diccionario de la lengua española*. Recuperado en 15 de fevereiro de 2023, de <https://dle.rae.es/coj%C3%B3n?m=form2>.

Simão, A. K. G., & Deângeli, M. A. (2019). As traduções de el hombre de mi vida para o francês e o português: Léxico e diferença. *Caderno de letras*, (34), 499–517. <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i34.16968>

Vaneigem, R. (2004). *Nada é sagrado tudo pode ser dito: Reflexões sobre a liberdade de expressão*. Parábola.

Vázquez Montalbán, M. (2004). *Milenio Carvalho I. Rumbo a kabul*. Planeta.

18 Vázquez Montalbán, M. (2004). *Milenio Carvalho II. Rumbo a las antípodas*. Planeta.

Vázquez Montalbán, M. (2006). *Milenio Carvalho*. (D. Laroutis, Trad.). Christian Bourgeois.

Vázquez Montalbán, M. (2007). *Milênio*. (R. F. d’Aguiar, Trad.). Companhia das Letras.